

## O CAMINHO CIRCULAR DE MENINA E MOÇA

EDSON ROSA DA SILVA

### 1. INTRODUÇÃO

Após a leitura do estudo de Helder Macedo sobre o significado oculto da novela de Bernardim Ribeiro<sup>(1)</sup>, a releitura de **Menina e moça** se impõe. Muito se esclarece então, e um novo texto — inesgotável, pois isso é próprio da obra de arte — convida-nos a novas descobertas. Lançamo-nos a ele. Não para possíveis descobertas, mas para saborear tudo aquilo que antes se desconhecia.

A análise de Helder Macedo revela, em toda a obra de Bernardim Ribeiro, a presença de uma doutrina gnóstica que, para fugir ao fogo da inquisição, acentuou ainda mais seu caráter esotérico. Aponta, com clareza, características fundamentais comuns às religiões gnósticas: na poesia, “a radical divisão do eu em duas partes opostas (**Entre mim mesmo e mim**), a súbita consciência de uma situação existencial negativa só redimível com a morte (**Jano e Franco**), a revelação da escuridão circundante como o maior bem possível na terra (**Ao longo da Ribeira**); a dualística oposição entre a vontade libertadora e a terra aprisionante (**Sextina**)”. E, na **Menina e moça**, que interessa mais diretamente a este estudo, “além do caráter revelatório e transmundo do amor inspirado por quem ‘guarda verdade desconhecida’”, aponta ainda “a insistência na condição de exílio, a definição do bem e do mal como forças opostas numa anormal coexistência, e a caracterização de Deus e da relação que pode unir os homens a Deus em termos de conhecimento, ou gnose”<sup>(2)</sup>.

Pareceu-nos interessante, e assim se delineia o propósito desta

---

1 MACEDO, Helder. *Do significado oculto da Menina e Moça*. Lisboa, Moraes, 1977.

2 Op. cit., p. 39-40

análise, buscar dentro da estrutura do imaginário as imagens que determinam o movimento fundamental do texto que é o da **descida**, o do **retorno**. Nos elementos que o autor do **Significado oculto da Menina e moça** enumera como sendo características de um pensamento gnóstico, “a saudade pela morada original” — o desejo portanto de “liberar-se da matéria aprisionante e regressar à terra natal”<sup>(3)</sup> — traduz o sentido de uma iniciação religiosa. O estudo das imagens de **Menina e moça**, a partir da teoria de Gilbert Durand em **Les Structures anthropologiques de l'imaginaire**, poderá confirmar o propósito do livro: o relato de uma iniciação que, através do sofrimento, levou a Menina a renascer para a outra Vida.

## 2. O EXÍLIO: UM RITUAL DE PURIFICAÇÃO

### 2.1 A prova sacrificial

“Menina e moça me levaram de casa de minha mãe para muito longe”. Eis que as primeiras linhas do relato da Menina introduzem o tema do desterro que ganha assim uma posição de importância dentro do próprio texto. É uma coerência da narrativa pois é pelo desterro que se inicia o **processo de iniciação**. Todos os personagens partilham a mesma condição de exilados, o que os faz solidários na mesma dor. Por outro lado, a identidade das diversas histórias tem af o seu fundamento estrutural. Isso equivale a dizer que os personagens de **Menina e moça** acham-se lançados numa terra estranha, para, através do sofrimento e da purificação, aceder ao conhecimento da verdade, podendo assim retornar à **terra-mãe**.

Hans Jonas, conforme a citação de Helder Macedo<sup>(4)</sup>, afirma ser “a relação entre Deus e o mundo e, correspondentemente entre o homem e o mundo” o ponto crucial da doutrina gnóstica:

A divindade é absolutamente transmundana, sendo a sua natureza alheia à do universo, que não criou nem governa e do qual é a antítese. Ao reino divino da luz, auto-suficiente e remoto, é oposto o cosmos, como o reino da escuridão. O mundo é a obra de poderes inferiores que, embora possam ser imediatamente derivados de Deus, não conhecem o Deus verdadeiro, e obstruem o Seu conhecimento ao cosmos que governam.

É assim que vemos o universo de **Menina e moça**. Numa cons-

---

3 Ibidem, p. 39

4 Ibidem, p. 38

tante oposição ao mundo material, os personagens buscam incessantemente uma outra dimensão, aquela que foge à atração terrestre. O exílio é o caminho da depuração, do despojamento das amarras físicas para o regresso à terra natal. Como bem mostra o excelente estudo de H. Macedo, o relato da Menina é feito da perspectiva das sombras, uma vez que a narradora já atingiu a dimensão espiritual. Mas o início da narrativa coincide com o desterro que ainda é a busca da Verdade. A iniciação contém assim a idéia de re-nascimento.

Ao analisar o ritmo cósmico, Gilbert Durant<sup>(5)</sup> chama a nossa atenção para um grupo de imagens que reuniria o ciclo lunar e o ciclo agrário através das imagens de fecundidade e de maternidade. Em outras palavras, o simbolismo vegetal é tomado como exemplo de metamorfose pois, nos sacrifícios agrários, do corpo sacrificado nasce freqüentemente uma árvore, reativando o processo cíclico. O drama agro-lunar constitui-se, portanto, pela oposição morte-vida que gera um novo filho capaz de prosseguir o ritmo cósmico. As cerimônias iniciáticas aí se enquadram e confirmam o ciclo dramático do tempo pois são responsáveis por um homem novo: "l'initiation est plus qu'une purification baptismale, elle est transmutation d'un destin"<sup>(6)</sup>.

**Menina e moça** é escrito sob o signo da mudança, que é, na realidade, um compromisso com a própria iniciação. Disso tem consciência a Menina:

Daqui me veio a mim parecer que esta mudança em que me eu agora vejo, já a eu então começava a buscar, quando me esta terra, onde me ela aconteceu, aprovou mais que outra nenhuma, para ir nela acabar os poucos dias de vida que eu cuidei que me sobejavam.<sup>(7)</sup>

A "mudança" ("transmutation d'un destin"), que no presente da escritura já se operara, é o resultado do exílio donde a idéia de morte — libertação — não está ausente: aí vieram a Menina passar **os poucos dias de vida** que lhe restavam<sup>(8)</sup>. O exílio surge como um lugar

---

5 DURAND, Gilberto. *Les structures anthropologiques de l'imaginaire*. Paris, Bordas, 1960. p. 339-340.

6 *Ibidem*, p. 351.

7 RIBEIRO, Bernardim. *Menina e moça*. Publicações Europa-América, 1975. p. 25. Adotamos a partir de agora a sigla MM.

8 Outros passos da novela revelam essa consciência da morte próxima. Veja-se a esse respeito o rápido histórico que a menina faz de si mesma para a Dama do tempo antigo: "Fui uma donzela que, neste monte da banda de além deste ribeiro pouco há que vivo, e não posso viver muito". Os grifos são nossos.

apartado do mundo, onde se vem buscar uma "mudança". Trata-se de um isolamento que leva a um aprofundamento de si mesmo, portanto à busca de uma revelação para a qual se faz mister uma iluminação espiritual. Eis porque também a Dama do Tempo Antigo recolheu-se àquele vale:

E assim há já muitos anos que eu não vivo para mim, e que vim para estes ermos, fugindo das gentes para quem só anoiteceu e amanheceu<sup>(9)</sup>.

Lamentor, Belisa e Aónia deixam igualmente a própria terra e, juntos, "de reinos estrangeiros"<sup>(10)</sup>, vêm aportar àquelas partes. Arima que, desde o início, é descrita como "a mais formosa coisa do mundo"<sup>(11)</sup> simboliza uma perfeição inatingível e parece destinada a uma missão sobrenatural. No seu nascimento está presente a desventura que sela o caráter divino de seu percurso no mundo. Nascedo da morte de sua mãe, numa repetição perfeita do ciclo cósmico, ela é a única que vem à luz em desterro. Avalor, amigo de Lamentor, também é oriundo de outras terras.

Toda a cerimônia de **iniciação** repete o mito cíclico que, ao gerar um homem novo, domestica o próprio Tempo. Quase sempre a iniciação compreende "uma prova sacrificial ou mutilante que simboliza em segundo grau uma paixão divina"<sup>(12)</sup>. O desterro tem, em **Menina e moça**, tal função e o sofrimento de cada personagem é a paixão que o purifica de uma vida mundana, abrindo-lhe as portas de um além que liberta o espírito.

## 2.2 O lugar da iniciação.

As imagens presentes em **Menina e moça** traduzem um desejo de proteção e de aconchego que não é outro senão o desejo de retornar ao seio materno. Assim, enquadram-se perfeitamente no que G. Durand chamou de **Regime noturno do imaginário**.

Alguns aspectos importantes devem ser analisados no que diz respeito ao **lugar da iniciação**. Primeiramente, a significação do **monte** remete-nos ao simbolismo do lugar sagrado. O alto da montanha é o lugar das hierofanias. Aqui veio a menina em busca da ilu-

---

9 MM p. 40

---

10 MM p. 48

---

11 MM p. 126

---

12 Cf. nota n.º 5, p. 351.

minação que só de Deus poderia advir. Entretanto, ela não experimenta nenhuma sensação de poder, tão comum aos que contemplam o mundo do alto<sup>(13)</sup>. É que, ao contrário do **Regime diurno**, aqui a ascensão tem outro sentido — é busca de luz divina para em seguida descer às profundezas de si mesmo. É Durand quem nos ensina, ao analisar as imagens da intimidade, que “as escadas da casa descem sempre, e que subir ao sótão ou aos quartos é ainda **descer ao coração do mistério**”<sup>(14)</sup>. Não é no alto do outeiro que a Menina meditará na sua vida através das estórias da Dama do Tempo Antigo, mas no aconchego do vale ao qual desceu. Devemos, pois, para compreender o lugar sagrado de **Menina e moça**, pensar no monte e nos “vales que o cingem em derredor”<sup>(15)</sup>, o que coloca em evidência sua posição central, característica do lugar santo: “o que sacraliza antes de tudo um lugar é o seu fechamento”<sup>(16)</sup>. A forma redonda que daí se deduz leva-nos à imagem uterina do microcosmo ou antes a uma cosmização [...] do arquétipo da intimidade feminina”<sup>(17)</sup>. Ao lado da imagem do ventre materno, porém, a forma do vale sugere ainda outra imagem: a do sepulcro. Não há, na verdade, oposição. Dentro do processo cíclico de renovação cósmica, o lugar da morte é o lugar do renascimento. A morte é um **regressus ad uterum**.<sup>(18)</sup>

Por outro lado, o vale é descrito como o centro paradisíaco, o lugar das delícias que “de árvores grandes e verdes ervas e deleitosas sombras cheio é” e “por onde um pequeno ribeiro de água”<sup>(19)</sup> corre. Podemos comparar esse cenário ao do lugar santo segundo Durand: “Et les meubles de ce lieu saint primitif, outre une source ou une étendue d'eau, sont l'arbre sacré, le poteau ou son doublet le bétyle”<sup>(20)</sup>. Eis uma passagem de **Menina e moça** que confirma a imagem do Paraíso:

---

13 BACHELARD, Gaston. *La terre et les rêveries de la volonté*. “La contemplation du haut des sommets nous donne la soudaine impression de la maîtrise de l'univers.” p. 385.

---

14 Cf. nota n.º 5, p. 280. Os grifos são nossos.

---

15 MM p. 29

---

16 Cf. nota n.º 5, p. 281.

---

17 Ibidem. p. 281.

---

18 Neste mesmo vale morreu Belisa e nasceu Arima. Aí o mar rejeitou Avalor que renasce para outra vida.

---

19 MM p. 31

---

20 Cf. nota n.º 5, p. 280

Assim passava eu o tempo quando, uma das passadas pouco haveria, alevantando-me eu, vi a manhã como se erguia formosa estender-se graciosamente por entre os vales e deixar indo os altos, que já o Sol, alevantado até os peitos, vinha tomando posse nos outeiros, como quem se queria senhorear da Terra.

As doces aves, batendo as asas, andavam buscando umas as outras. Os pastores, tangendo as suas frautas e rodeados dos seus gados, começavam de assomar já pela cumeadas.

Para todos parecia que vinha aquele dia assim ledo<sup>(21)</sup>.

Todavia, o coração da Menina não se identifica com essa natureza esplendorosa. Antes faz-nos ver o outro aspecto do vale, como o lugar da paixão:

Os meus cuidados, sós, vendo como vinha o seu contrário ao parece: poderoso, reco:heram-se a mim, pondo-me ante os olhos para quanto prazer pudera aquele dia vir, se não fora tudo tão mudado! Por onde o que fazia alegre todas as cousas, a mim só teve causa de fazer triste. (22).

Com efeito, a alegria do mundo para aqueles que nele têm seu exílio é vã. Aquele paraíso, para os personagens de Bernardim, reveste-se de uma outra dimensão: é o "vale de lágrimas", lugar de purificação.

### 3. O VALE: A REPETIÇÃO DO CICLO

A **descida**, como vimos, corresponde a uma desaprendizagem das verdades temporais à procura de outra mais profunda. Para tal, diante das dificuldades do caminho, o homem, sentindo-se só, necessita de proteção ou de um men'or<sup>(23)</sup>, a fim de não cair. A Dama do Tempo Antigo parece ter essa função ao lado da Menina que, ao descer sozinha o monte, "no caminho, com a pressa que [. . .] levava, três ou quatro vezes (caiu)"<sup>(24)</sup>. As estórias contadas são ensinamentos

---

21 MM p. 30

---

22 Ibidem

---

23 Cf. nota 5, p. 227

---

24 MM p. 31. No caminho de sua paixão Cristo caiu três vezes.

que o mentor lhe transmite e que lhe servem de "courage" contra as asperezas do mundo. São **narrativas míticas** que, repetindo as angústias da própria Menina através de outros personagens, representam uma vitória sobre o ciclo temporal e permitem um aprofundamento no processo de iniciação.

### 3.1 A reduplicação das estórias

As estórias narradas possuem todas um núcleo comum: são estórias de amores frustrados, como o da Menina. "O propósito do livro é relatar o que, visto e ouvido 'em coisas alheias', a fez reviver o seu próprio sofrimento"<sup>(25)</sup>. Ora, trata-se aí de modelos arquetípicos que, por pertencerem aos tempos idos, tornaram-se estórias exemplares daquelas terras<sup>(26)</sup>. No processo de iniciação da Menina, elas têm a função de mediadoras entre o começo e o fim do caminho da ascensão. De Belisa a Arima, perfaz-se um percurso de purificação. Vemos, pois, nas três estórias narradas — a de Lamentor e Belisa, a de Bimarder e Aónia e a de Avalor e Arima — três etapas da estória daquela que, mais que qualquer um, conseguiu ultrapassar o rio da vida terrena. Com efeito, temos a aurora, o meio-dia e o crepúsculo da caminhada espiritual de Arima. No 1.º episódio, ela nasce; no 2.º cresce encerrada na casa do pai; no 3.º, surge diante do mundo que, logo em seguida, abandona.

Marcadas pela determinação do destino, as vidas humanas seguem seu curso absurdo sem poder a ele se opor. O episódio do rouxinol é uma metáfora concreta do "sem-sentido da vida e da morte [...] traduzido por todos os episódios que formam o seguimento da novela: o amor do cavaleiro da ponte, o de Lamentor e Belisa, o de Binmarder e Aónia e o de Avalor e Arima"<sup>(27)</sup>. Realiza-se dessa forma uma comunhão do natural e do humano: assim como o penedo interrompe o curso tranqüilo das águas, assim como a morte súbita interrompe o doce cantar do rouxinol, assim também os fatos mudam os projetos dos homens. A morte de Belisa é tão absurda quanto a do pássaro, e o rio que aqui transporta o rouxinol morto recupera sua função mítica de rio infernal mais adiante repetida no episódio de Avalor:

---

25 Cf. nota n.º 1, p. 14.

---

26 Ibidem, p. 109. A presença de uma dama do tempo ANTIGO reforça o caráter místico das estórias.

---

27 SARAIVA, Maria de Lourdes. Notas. In: RIBEIRO, Bernardim. *Menina e moça*. Publicações Europa-América, 1975. p. 33

Pela ribeira de um rio  
que leva as águas ao mar  
vai o triste de Avalor;<sup>(28)</sup>

Quando o mar rejeita seu corpo por já estar ele "morto", a idéia da viagem para a outra vida através do rio dos mortos fica assim confirmada. O absurdo das coisas reside na separação de tudo aquilo cuja unidade traria o equilíbrio e a perfeição. Há em **Menina e moça** um desejo de recuperar a unidade mítica pela reunião dos contrários: assim a natureza, assim os pares — homem/mulher — que, por força do destino, não se podem manter unidos. Fica claro, entretanto, e H. Macedo no-lo mostra muito bem, que, com relação aos homens, essa **coincidentia oppositorum** só se tornará possível num plano metafísico. Os personagens de Bernardim Ribeiro, em sua maioria, buscam ansiosamente a sua parte complementar para, através do reencontro de **animus** e **anima**, recriar um ser perfeito, digamos assim, um **andrógino espiritual**. Vejamos o que diz H. Macedo:

Se, na égloga, Jano e Joana são formas do mesmo nome, na **Menina e moça** a alma de Avalor é só metade, sendo a outra metade a própria Arima; e se a sepultura da alma de Franco está, na égloga, na "outra parte" personificada por Célia, na novela Lamentor chora a partida da sua própria alma quando Belisa morre: "para vós, senhora, estava ordenada uma sepultura em terra alheia, para a minha vida, duas. Mas a vossa terá o corpo e as minhas, o corpo e a alma". Claramente, das duas sepulturas ordenadas para Lamentor, uma, a terra, é para o corpo, enquanto a outra, representada na própria Belisa, é para a alma; assim, quando morrer, a terra será apenas a sua segunda sepultura, a do corpo. A morte de Belisa simboliza a saída da alma do corpo de Lamentor. Lamentor é explícito: "Não vos alembrou que era eu o que sem vós não havia de ser mais?" Sem Belisa ele não podia ser mais, mas ela, no plano espiritual, continuaria a ser, sem ele. Assim, para Bernardim, homens e mulheres representam níveis diferentes de qualidade espiritual<sup>(29)</sup>.

### 3.2 A reduplicação do espaço

Os episódios narrados na novela possuem todos a mesma loca-

---

28 Cf. nota n.º 1. p. 153

29 Op. cit. p. 35-36

lização. Foi no vale em que se acham a Menina e a Dama do Tempo Antigo que todas as estórias se passaram. Para lá foi levado Avalor pela força das águas e Arima de regresso à casa do pai.

Parece que a sua desventura de Avalor, que assim lhe chamo eu, deu com ele para aquela banda para onde era levada a senhora Arima, que esta nossa seria en:ão.<sup>(30)</sup>

Assim, fecha-se a novela de forma circular, o que vem corroborar o esquema cíclico das estórias que são, estruturalmente, repetições da estória de amor da Menina que acabou por se não contar.

Helder Macedo alude a uma possibilidade de identificação da Menina com Aónia e cita o freixo como um elemento recorrente no episódio de Bimarder e na narrativa inicial da Menina. Ora, isso confirma mais uma vez a unidade espacial da novela cujo cenário é o vale. "L'espace secré possède ce remarquable pouvoir d'être multiplié indéfiniment"<sup>(31)</sup>, diz G. Durand. Embora esta afirmação aplique-se à diversidade de templos e lugares divinizados, podemos nela enquadrar o **espaço sagrado** de **Menina e moça**. Sua multiplicação não se deu do ponto de vista de um deslocamento espacial — daí, sua unidade — mas no retornar cíclico do tempo. As estórias dos três cavaleiros reatualizaram, cada uma em seu momento, o lugar sagrado da novela.

Processa-se dessa forma uma superposição espaço-temporal pelo reencontro das estórias **do tempo antigo** com o presente da Menina. O espaço, por seus poderes sagrados, interrompe a fuga inexorável do tempo, obrigando-a a recomeçar sempre naqueles limites um mesmo ciclo. Assim, espacializa-se o tempo, numa ambição fundamental de dominar o **devir**.

#### 4. CONCLUSÃO

A sombra das tuas vestes  
Ficou entre nós na Sorte.  
Não 'stás morto, entre ciprestes.  
.....  
Neófito, não há morte.

**Fernando Pessoa**

---

30 MM p. 155

---

31 Cf. nota n.º 5, p. 284  
PESSOA, Fernando. "Iniciação". In: ———. **Obra Poética**. Rio de Janeiro, Aguillar, 1969, p. 162.

O gesto de descida que caracterizou a atitude da narradora inicial da novela traduz o desejo obstinado de um tesouro, de um repouso, de uma verdade que está para além da vida. A imagem do vale confirma esse gesto que é, em suma, um mergulhar profundo na intimidade substancial à procura de algo oculto. A descida para o vale é, em termos espirituais, o aprofundamento de si mesmo que toda meditação torna possível. Ali, ao "aguardar a sua derradeira hora", a Menina decide escrever "as cousas que (viu) e (ouviu)"<sup>(32)</sup>, para melhor se conhecer "pois não havia de escrever para ninguém senão para (ela) só"<sup>(33)</sup>. Através das estórias, realiza-se a purgação das almas de quem as conta e de quem as ouve.

A estrutura da obra, pela sintaxe de reduplicação, reforça o sentido da novela que, existindo como obra de arte, concretiza a repetição simbólica do ciclo temporal, a cada releitura.

Ao nível de sua significação esotérica, a novela, acentuando o dualismo gnóstico entre matéria e espírito, insiste na vitória do espírito que, representado pelo destino de Avalor, após a morte do corpo atinge a união com Deus.

---

32 MM p. 25

33 *Ibidem*, p. 26

## 5. BIBLIOGRAFIA

- 5.1 BACHELARD, G. *L'œcu et les rêves*. Paris, José Corti, 1943.
- 5.2 ———. *L'air et les songes*. Paris, J. Corti, 1943.
- 5.3 ———. *La poétique de l'espace*. Paris, PUF, 1972.
- 5.4 ———. *La psychanalyse du feu*. Paris, Gallimard, 1969.
- 5.5 ———. *La terre et les rêveries du repos*. Paris, J. Corti, 1948.
- 5.6 ———. *La terre et les rêveries de la volonté*. Paris, J. Corti, 1948.
- 5.7 DURAND, G. *Les structures anthropologiques de l'imaginaire*. Paris, Bordas, 1969.
- 5.8 BÍBLIA SAGRADA. Pe. Antônio Charbel, coord. trad., São Paulo, Editora Abril, 1965.
- 5.9 BURLAND, C.A. *Le savoir caché des alchimistes*. Paris, Robert Lafont, 1969.
- 5.10 ELIADE, M. *Aspects du mythe*. Paris, Gallimard, 1969.
- 5.11 ———. *Le chamanisme et les techniques archaïques d'extase*. Paris, Payot, 1949.
- 5.12 ———. *Le mythe de l'éternel retour*. Paris, Gallimard, 1969.
- 5.13 ———. *Mythes, rêves et mystères*. Paris, Gallimard, 1972.
- 5.14 ———. *Traité d'histoire des religions*. Paris, Payot, 1977.
- 5.15 HUTIN, E. *L'alchimie*. 4. ed. Paris, Puf, 1971. (Col. Que sais-je?, 506).
- 5.16 MACEDO, Helder. *Do significado oculto da Menina e Moça*. Moraes Editores, Lisboa, 1977.
- 5.17 PESSOA, Fernando. *Obra poética*. 3 ed. Rio de Janeiro, Aguilar, 1969.
- 5.18 RIBEIRO, Bernardim. *Menina e moça*. Publicações Europa-América, 1975.

5.19 SCHOLEM, Gerslom. *A mística judaica*. São Paulo, Perspectiva, 1972.

5.20 TONDRIAU, Julien. *L'occultisme*. Verviers, Gérard e c.º, 1964.

### RESUMO

O autor apresenta um estudo das imagens do romance *Menina e Moça* do autor português Bernardim Ribeiro, a partir da teoria de Gilbert Durant em *Les Structures Anthropologiques de l'Imaginaire*. O romance mostra então, na sua estrutura circular, todas as etapas de um processo de iniciação: a prova sacrificial, a descida aos abismos do ser, o triunfo do espírito.

### RÉSUMÉ

L'auteur présente une étude des images du roman *Menina e moça* de l'auteur portugais Bernardim Ribeiro, à partir de la théorie de Gilbert Durand dans *Les Structures Anthropologiques de l'Imaginaire*. Le roman nous montre alors, dans sa structure circulaire, toutes les étapes d'un processus d'initiation: l'épreuve sacrificielle, la descente aux abîmes de l'être et le triomphe de l'esprit.